



---

## EDITORIAL

### MARCAS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA ENFERMAGEM BRASILEIRA

Estudos da História da Enfermagem integram os currículos nos cursos de enfermagem nas instituições brasileiras desde a implantação do sistema de ensino nightingaleano, em 1923. Sua importância como disciplina curricular, na primeira metade do século XX, pode ser evidenciada pelo fato desta matéria ter sido, por muito tempo, ministrada preferencialmente pelas diretoras das escolas ou cursos, a quem era legitimado o reconhecimento como autoridade para responder por este ensino em nome da formação profissional de novas enfermeiras.

Em seu teor, primeiramente versando sobre a prática e o ensino de enfermagem em diferentes épocas e voltado às personagens que se destacaram no cuidado voluntário ou profissional, a História da Enfermagem ganhou sua interpretação brasileira por intermédio de Waleska Paixão que, em 1951, escreveu o primeiro livro didático nacional sobre o tema, intitulado “Páginas de História da Enfermagem”, publicado no Brasil quando sua autora exercia o cargo de Diretora da Escola de Enfermagem Ana Neri, da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta publicação constitui-se em imensa contribuição ao ensino e a historiografia da enfermagem, sendo amplamente utilizada em décadas posteriores, totalizando cinco edições.

No final do século XX, a História da Enfermagem Brasileira apreendeu conceituações da Nova História e passou a ser estudada, escrita e divulgada nessa concepção, marcando, de modo emblemático, sua presença como conhecimento em Núcleos e Grupos de Pesquisa da área. Atualmente, tal organização de Grupos e Núcleos está alocada dentre as referências fundamentais da produção científica de Instituições de Ensino Superior, que garantem o desenvolvimento de estudos e pesquisas com responsabilidade na construção e reconhecimento da produção acadêmica neste campo do conhecimento.

Embora a forma de escrita e interpretação da história tenha mudado, sua importância na formação do Enfermeiro em nada mudou quanto ao sentido e relevância, porquanto tem sido

indiscutível o valor de sua permanência no currículo mínimo de graduação, dentre os demais assuntos formais de estudo, em caráter obrigatório. O que de mais sensível está mudando é que, com o passar dos anos, cresce a quantidade de referências (fontes primárias e secundárias) que os atuais docentes de História da Enfermagem têm à sua disposição em respeitável acervo de interesse científico, para que o estudante conheça a história de sua profissão e, a partir desse conhecimento, desenvolva reflexões sobre o desenvolvimento da enfermagem.

Deste modo, há que se refletir sobre a amplidão do pensar que essa mudança carrega para a formação de profissionais conscientes de sua identidade e críticos o suficiente para modificar a realidade em favor das ações e serviços de saúde que desejam ofertar à sociedade.

Para alguns dos historiadores contemporâneos a consciência histórica tem importante função cultural que é formar e expressar identidade em uma perspectiva temporal. A consciência do passado é necessária à preservação da memória e identidade dos grupos, seja pelo registro dos fatos, pela biografia de seus atores sociais ou pelos monumentos que marcam determinado período histórico. Nada maior nem melhor nos move a pesquisar a História da Enfermagem se não viver para melhor ensiná-la aos futuros profissionais, a quem deixamos o legado de mais e mais estudar para construir o melhor cuidar e dignificar essa profissão que se traduz fielmente em ciência-arte-ideal.

***Maria Angélica de Almeida Peres***

*Professor Adjunto da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

*Membro da 19ª Diretoria Colegiada do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira.*

*Membro do Departamento Científico de História da Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem.*